

## A IMPORTÂNCIA DO LATIM PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA<sup>1</sup>

José Pereira da Silva (UERJ/UFAC)  
[pereira@filologia.org.br](mailto:pereira@filologia.org.br)

### RESUMO

A língua portuguesa, assim como as demais línguas românicas, provém de uma língua oral desenvolvida na Península Itálica a partir da expansão de Roma, o latim vulgar, que se desenvolveu nos romances, sem deixar de receber contribuições do latim clássico, em forma de empréstimos eruditos, em todas as épocas (até hoje). Pode-se afirmar, portanto, sem qualquer constrangimento, que o português que se fala em Araguaína (TO), em Cruzeiro do Sul (AC), em Dom Cavate (MG) e em qualquer outro lugar do mundo é o latim vulgar de hoje. Sendo assim, é difícil compreender e explicar convenientemente alguns problemas da língua portuguesa atual sem conhecer os seus fundamentos históricos, que se baseiam na língua de que descende. Nesta oportunidade, trataremos apenas de alguns dos muitos casos já lembrados por especialistas como João Bortolanza, Napoleão Mendes de Almeida, Teodoro Henrique Maurer Jr., Elias Alves de Andrade etc., que são autoridades no assunto.

**Palavras-chave:** Latim. Português. Ensino. Evolução. História.

### 1. Introdução

Não há dúvidas de que o estudo do latim é muito importante para melhor compreendermos a língua portuguesa, tanto sincrônica quanto diacronicamente, mas, muito mais especialmente do ponto de vista diacrônico.

Corroborando isto, o professor Francisco Edmar Cialdine Arruda, da Universidade Regional do Cariri (no Ceará), entrevistado pela *Revista Língua Portuguesa*, lembra que “deixar de lado a língua que não só deu origem ao português e demais línguas neolatinas, como também influenciou tantas outras, é deixar de lado a oportunidade de entender, historicamente, como todas essas línguas se relacionam e se transformam”. (ARRUDA, 2009).

É difícil ensinar bem sobre a estrutura da língua portuguesa sem um mínimo conhecimento da estrutura do latim, assim como ensinar la-

---

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi apresentada como palestra na Semana de Letras da Universidade Federal de Tocantins (*Campus de Araguaína*), no dia 30 de outubro de 2012.

tim para quem não conhece as bases gramaticais de sua própria língua, visto que a aprendizagem é conseguida por agregação das informações novas às anteriores já fixadas e por comparação de elementos já fixados com os novos.

Assim como é um grande risco, por exemplo, casar-se com alguém cujo passado é completamente desconhecido e é difícil acertar o diagnóstico de uma doença sem conhecer os antecedentes relativos à enfermidade de alguém, para se poder explicar com segurança seu estado atual da língua portuguesa, não se deve desconhecer a sua história, que que se sustenta no conhecimento do latim.

## **2. Napoleão Mendes de Almeida**

Napoleão Mendes de Almeida, no Prefácio de sua *Gramática Latina*, relatando depoimentos de especialistas de matemática, engenharia, pedagogia, filosofia etc., lembra que “é de todo falso pensar que a primeira finalidade do estudo do latim está no benefício que traz ao aprendizado do português”. (ALMEIDA, 1994, p. 7)

Na verdade, este benefício é apenas mais um entre tantos outros.

Transcrevo, por exemplo, parte do ofício que os três professores da Universidade de São Paulo (Gleb Wataghin, de mecânica racional e de mecânica celeste, Giacomo Albanese, de geometria, e Luigi Fantapié, de análise matemática) enviaram ao ministro da educação de sua época, argumentando favoravelmente ao latim: “... pedimos a vossa excelência que, na reforma que se projeta, se dê menos matemática e *mais latim* no curso secundário, para que possamos ensinar matemática no curso superior” (*Apud* ALMEIDA, 1994, p. 7).

E este pedido oficial dos três professores é justificado, mais adiante, por Napoleão Mendes de Almeida, com a frase que o professor Giacomo Albanese costumava repetir: “Deem-me um bom aluno de latim, que farei dele um grande matemático” (*Idem, ibidem*).

Tratando do método em sua *Gramática Latina*, Napoleão Mendes de Almeida (1994, p. 11) tem esta bela síntese: “Asas de um pássaro, o latim e o português devem voar juntos: tal é a minha convicção, tal a minha preocupação em todas estas 104 lições”.

### 3. João Bortolanza

Usarei as palavras do professor João Bortolanza, atualmente na Universidade Federal de Uberlândia, em seu artigo “O Latim e o Ensino de Português”, publicado por nós na *Revista Philologus*, do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, para algumas observações muito importantes:

[...] com a supressão do latim dos currículos brasileiros, é comum ouvir-se que latim é uma “língua morta”. Com isso, o que morreu foi a diacronia do português. Estudos sincrônicos são, sem dúvida, de fundamental importância, mas não podem vir sistematicamente desconhecendo que a língua, como fenômeno social, é histórica, tem história e só se entende a fundo como pertencente a um momento de sua *lata* história. Essa perda da dimensão histórica é que está na raiz, embora não exclusiva, da crise [no ensino] da disciplina de língua portuguesa, sempre a procurar novos métodos, como se métodos resolvessem a falta de conhecimento.

Anedótico é o caso da professora que, interpelada por um aluno sobre o porquê de o feminino de *cavalo* ser *égua*, respondeu: “Pergunte pra ela”. E como poderia responder, se não tem a diacronia à mão? E quantas palavras têm raiz latina – do latim clássico! – como alomorfe de outra forma vernácula? Algo em torno de 40%, e justamente as mais elaboradas em função dos avanços tecnológicos e científicos. Sem contar as 14% que derivam do grego, via latim. (BORTOLANZA, 2000, p. 77-78)

Ainda acompanhando o professor João Bortolanza, destacam-se algumas notas sobre a presença do latim no português em aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos.

Começemos pelos aspectos lexicais:

Verifica-se facilmente a presença do latim em nosso léxico, constatando os muitos alomorfes concorrentes, eruditos uns, outros vernáculos, como é o caso de EQU-, EGU-. CAVAL-, CAVALH- (sem contar o grego HIPO-), a formarem uma extensa família de palavras: *equino, equitação, égua, cavalo, cavalgar, cavalheiro, hípico...* Isto poderia mostrar à professora da anedota que, “para qualquer dúvida, é só perguntar à professora” – desde que licenciada em português – diacrônico e sincrônico.

São vários os exemplos dados por Bortolanza, mas isto vocês poderão ver acessando seu artigo na Internet.

Nos aspectos fonéticos, Bortolanza lembra que

Os estudos descritivos dos vários níveis de fala, preocupados normalmente em descobrir as variantes socioespaciais, do ponto de vista fonético, acabam por apreender os mesmos metaplasmos estudados na diacronia do português.

Comparem-se os metaplasmos por aumento diacrônicos e sincrônicos:

### *Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– prótese (acréscimo no início do vocábulo) → avoar, arrã, desvaziar, e minacia > ameaça, remittere > arremeter

– epêntese (acréscimo no interior) → apeiamos, beneficente, admitir e blatta > barata, cena > cea > ceia

Confrontem-se também os metaplasmos por supressão:

– aférese (supressão no início) → inda, marelo, bobrinha e apotheca > bodega, attonitu > tonto, horologiu > relógio

– síncope (supressão no interior) → chacra, memo, corgo e viride > verde, opera > obra, legenda > lenda

Nos aspectos morfológicos ele lembra vários casos, mas vamos destacar apenas três:

a) Seria mesmo acrescentando -ES que se forma o plural dos nomes terminados em R, Z e S (oxítonas)? Na evolução de *doctorem* e *doctores*, dá-se a apócope primeiro do -M (ainda no latim vulgar) e depois do -E, vogal temática dos nomes da terceira declinação, que se mantém antes do morfema -S do plural. *Motu continuo*, podem-se salientar as vogais temáticas dos nomes em português – A, O, E – em estreita relação com as declinações latinas que restaram e o caso lexicogênico, o acusativo.

b) Entre os plurais, vale ainda destacar os nomes em -ÃO, que no singular são formas convergentes, mas no plural mantêm a divergência, com o predomínio do plural em -ÕES, o único produtivo. *MULTITUDINE*, *NATIONE*, *PANE* e *CHRISTIANU* convergem, pela síncope/nasalização do N, para as formas multidão, nação, pão e cristão, enquanto os plurais *multitudines*, *nationes*, *panes* e *christianos*, pelo mesmo fenômeno, mantêm-se muito próximos do latim, com exceção do final *-udine*: multidões, nações, pães e cristãos.

c) Os participípios presentes, embora normalmente se tenham transformado de adjetivos em substantivos, são de expressiva frequência em português: *falante*, *pensante*, *perseverante*, *atuante*, *vivente*, *amante*, *dependente*, *ouvinte*, *durante*, *consoante*, *presente*, *ausente*, *constituente*, *estatuante*, *concernente*, *referente*, *tangente*, *persistente* etc.

No aspecto sintático, pode-se dizer com segurança que “o latim é a matemática das línguas, importantíssimo para atingir o nível de abstração necessário face ao fenômeno da linguagem em sua relação com o pensamento. Seu muito racional e abstrato caráter flexivo permite inversões” as mais diversas, como se pode ver nos primeiros versos do Hino Nacional Brasileiro.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heroico o brado retumbante

Audierunt Ypirangae ripae placidae  
Heroicae gentis validum clamorem

Para ser fiel ao colega tão longamente seguido nesta fala, concluo também como Bortolanza, ao som *Hymnus Brasiliensis*:<sup>2</sup>

Apesar de ter focado sucintamente alguns dos aspectos, creio ter demonstrado o muito para pesquisar e divulgar sobre o tema proposto “O Latim e o Ensino de Português”. Língua latina, apenas deslocada na linha do tempo, o português só se entende em sua dimensão diacrônica. No dizer de Guimarães Rosa, “toda língua são rastros de velhos mistérios”, sobretudo para os que querem a “morte” do latim. Cumpre afastar de vez “a pedra no meio do caminho” que torna tão desinteressantes as aulas de português – a exigirem muito da memória e pouco levando à reflexão sobre a língua. (BORTOLANZA, 2000, p. 85)

Além disso, o professor Francisco Edmar Cialdine Arruda lembra que ele está mais vivo do que nunca, quando “deixamos o *curriculum vitae* nas empresas para conseguir emprego, fazemos cursos de pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, nossa universidade pode estar localizada em diferentes *campi* etc.”. (ARRUDA, 2009)

Apresentando o livro da professora Carolina, o professor Elias Alves de Andrade, da Universidade Federal do Mato Grosso e da Academia Brasileira de Filologia, lembra que

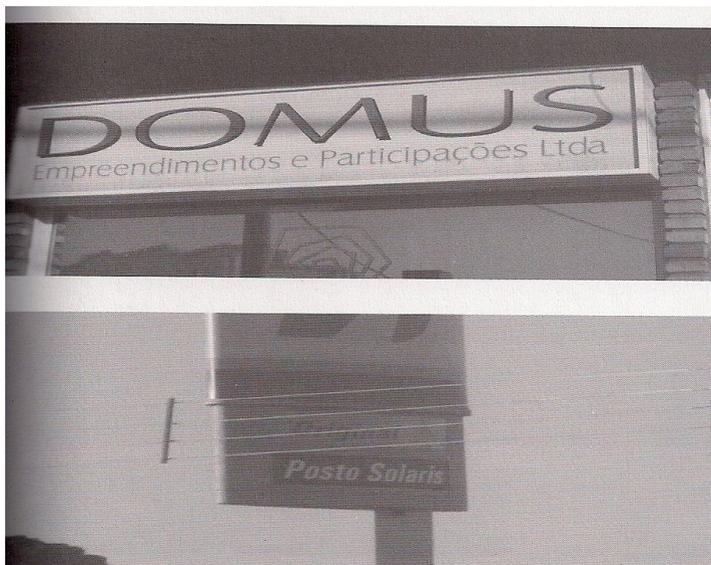
O latim, assim, vivo, em constante transformação, tem apenas trocado sua roupagem ao longo do tempo. Desde o latim vulgar, passando pelo românico, galego-português e português arcaico, está, sob outra forma e aspecto, presente nos dias atuais, na língua portuguesa, e nas demais línguas neolatinas.

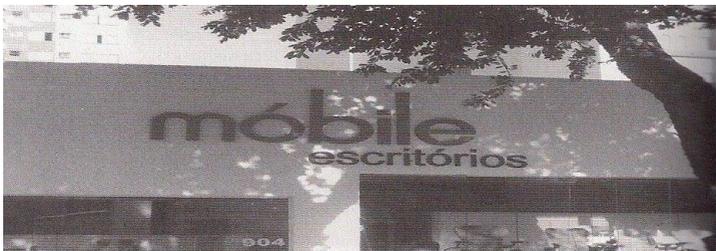
Mais do que isso, o latim está, na sua variante clássica, atuante e presente na vida moderna, conforme fica demonstrado neste manual [...] pela observação de letreiros, placas, nomes de edifícios, de empresas, de produtos dos mais variados tipos, pôsteres, rótulos e de sites da internet, escritos em latim, em parte ou no todo, numa clara evidência de que, como sempre em sua história, além de efetivamente ser o português, resultante, pelo uso, de sua transformação, continua como língua viva e pulsante nos dias de hoje. (ANDRADE, 2012, p. 9-10)

Veja o quanto está atualmente utilizado o latim clássico no cotidiano dos falantes da língua portuguesa, nessas imagens, extraídas do livro organizado pela Profa. Carolina Akie Ochiai Seixas Lima, cujo lançamento oficial nem ocorreu ainda (ocorrerá no dia 5 de novembro de 2012 – Dia Nacional da Língua Portuguesa, em Cuiabá – MT):

---

<sup>2</sup> Veja o texto do Hino Nacional em latim em Almeida (1994, p. 483-484), traduzido por Mendes de Aguiar e ouça a sua execução no Youtube <<http://www.youtube.com/watch?v=T5A9ZaiAZfE>>.





Respondendo à pergunta retórica “Por que estudar latim no século XXI?” com que inicia seu livro, a professora Carolina Akie Ochiai Seixas Lima responde:

A resposta é muito simples. Há a necessidade, no mundo moderno, tão veloz, tão globalizado, de discutir problemas relevantes às questões linguísticas com mais clareza. O aluno que estuda latim, entendendo o processo lógico-linguístico de funcionamento da língua, poderá posteriormente analisar, descrever e discutir as mudanças ocorridas na língua portuguesa, já que o português, sendo uma língua românica, é um prolongamento do latim levado pelos romanos à Península Ibérica e posteriormente trazido ao Brasil pelos portugueses. (LIMA, 2012, p. 11)

No final do capítulo, ela ainda conclui:

[...] gostaríamos de incentivar o estudo da língua latina como um idioma que está vivo em nossas vidas e que pode ser revitalizado através de leituras e pesquisas que envolvam o saber linguístico.

A pergunta inicial pode ser respondida pelos próprios alunos que visualizam no estudo de uma língua clássica a possibilidade de contato com a raiz da língua portuguesa. (LIMA, 2012, p. 12)

#### **4. O latim e o estudo da ortografia**

O latim e a ortografia nas línguas românicas e no português estão muito diretamente interligados, porque a ortografia é convenção normativa para a língua culta e, por isto, precisa ter fundamentos seguros, um dos quais é a etimologia e o segundo é a sua evolução fonética.

Tratando da ortografia, Theodoro Henrique Maurer Jr. defendeu, em sua tese de livre docência na USP:

Aqui é enorme e decisiva a influência do latim. Desde os primeiros textos romances, em lugar de se escrever em uma ortografia genuinamente fonética, se empregou uma ortografia latinizante. [...]

A influência latina neste campo apresenta dois aspectos:

a) para a representação dos fonemas românicos empregam-se as letras latinas. Como a transformação fonética multissecular tinha acabado por dar um aspecto muito diferente às palavras, era quase impossível aproveitar o sistema ortográfico latino clássico, sem determinar uma série de complicações. Frequentemente a mesma letra tinha passado a representar fonemas diferentes, e.g. *s* se usava para simbolizar tanto a surda como a sonora, e representava uma consoante velar antes de *a*, *o*, *u*, e uma palatal (depois sibilante em algumas regiões), antes de *e* e *i*. O mesmo duplo valor tinha a letra *g*. (MAURER JR., 1951, p. 150)

b) Cria-se uma ortografia etimológica, que insiste em representar fonemas

latinos inteiramente perdidos no falar do povo. Assim ressurgem a *h* inicial. [...] Em português só as reformas ortográficas modernas puseram de lado estas formas. [...] Ainda nas línguas que procuram mais fielmente estabelecer um sistema ortográfico racional, a influência da tradição latina é inevitável, como se vê da atual ortografia portuguesa na fixação do uso de *s* e *z*, de *c* e *ss*, ou no espanhol quanto ao uso de *b* e *v* (*caballo* e *uva*). [...]

Este fato ilustra de um modo muito objetivo a influência decisiva do modelo latino na elaboração das línguas românicas, que certamente não se limitou apenas à forma material e externa da língua, como se dá com a ortografia, mas penetrou mais profundamente na alma do romance. (MAURER JR., 1951, p. 151)

## 5. Conclusão

Vamos encerrar por aqui esta seleção de situações em que o latim é importante para o ensino do português, porque isto não acabaria em uma semana.

Para compreender a evolução da língua portuguesa e de sua história interna e externa, assim como do francês, do espanhol, do italiano e de qualquer uma das línguas românicas e de muitas outras línguas europeias modernas como o inglês e o alemão, é indispensável o conhecimento do latim, principalmente porque ele continua sendo a língua que mais tem empréstimos nas línguas de cultura em todo o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Mendes de. *Hymnus Brasiliensis*. Letra disponível em: <[http://la.wikipedia.org/wiki/Hymnus\\_Brasiliensis](http://la.wikipedia.org/wiki/Hymnus_Brasiliensis)> e execução musical disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=T5A9ZaiAZfE>>.

ANDRADE, Elias Alves de. Prefácio. In: LIMA, Carolina Akie Ochiai Sexas (Org.). *Guia de estudos latinos*. Cuiabá: Edufmt, 2012, p. 9-10.

ARRUDA, Francisco Edmar Cialdine. Por que (não) estudar latim hoje? [Reportagem]. *Revista Língua Portuguesa*, n. 18, 2009. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/18/por-que-nao-estudar-latim-hoje-se-a-lingua-143917-1.asp>>.

BORTOLANZA, João. O latim e o ensino de português. *Revista Philologus*, ano 6, nº 18, p. 77-85. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6\(18\)77-85.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6(18)77-85.html)>.

*Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

LIMA, Carolina Akie Ochiai Seixas (Org.). *Guia de estudos latinos*.  
Cuiabá: Edufmt, 2012.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A unidade da românia ocidental*..  
São Paulo: [s.e.], 1951, p. 150-151.